

O verde na política: Partidos e movimentos

O que compõe o DNA de um partido verde?

Um dos debates da conferência que mais provocou a reação do público foi o que transcorreu durante a mesa que reuniu Alfredo Sirkis, presidente do PV no Rio de Janeiro (PV-RJ), e Bärbel Höhn (deputada federal do PV na Alemanha). Boa parte da reação do público se deu em função de críticas e defesas da pré-candidatura da senadora Marina Silva à Presidência da República. Questões polêmicas como o aborto e as grandes barragens, como é o caso de Belo Monte, geraram muitas perguntas e reflexões durante o debate.

No entanto, o objetivo principal da sessão era tentar identificar o “DNA” do Partido Verde, tanto o alemão _surgido no início dos anos 80_, quanto o brasileiro, ressaltando suas semelhanças e diferenças e também a distinta realidade dos dois países, e que fazem com que cada um tenha desafios muito particulares a serem enfrentados.

Sirkis admitiu, então, que o grande dilema do Partido Verde brasileiro, hoje, é definir se o seu papel é virar um partido de massas ou se é se tornar um partido de formulação de ideias, de influência, e que sempre teria que estar, necessariamente, aliado a outros partidos para formar uma força presente.

Outro desafio que afeta diretamente o partido, segundo Sirkis, é o próprio sistema eleitoral brasileiro, que, em última instância, contribui para que o PV englobe cada vez mais personalidades com os mais diversos interesses públicos, e que também contribui, de uma maneira geral, para a corrupção do sistema político nacional.

Já para Bärbel, o principal obstáculo que precisa ser combatido quase diariamente na política, é o de não abrir mão das próprias utopias: “A palavra utopia não deve sumir do nosso vocabulário. Nós precisamos continuar tendo utopias, porque o que pensamos ser uma utopia hoje é exatamente aquilo pelo qual precisamos lutar. Muitos dos avanços que conquistamos hoje foram utopias no passado.”

A deputada lembrou que o Partido Verde na Alemanha começou sua trajetória, na verdade, como um antipartido, justamente porque seus fundadores não queriam ser um partido. A ideia era lutar pela democracia, o meio ambiente, as mulheres e as minorias.

“Nós defendíamos a base, os pequenos. E o meio ambiente apareceu como causa a ser defendida diante dos grandes projetos. Nós íamos na contramão, nos ocupando justamente dos pequenos projetos e, por consequência, das mulheres, das crianças, dos pobres, dos sindicatos, dos animais...” (Leia mais sobre a história do Partido Verde Alemão acessando o link <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,5124180,00.html>)

Bärbel também fez questão de atestar, mais uma vez, que o PV alemão é um crítico de tecnologias como a transgenia e a energia nuclear pela simples razão de que elas põem em risco as gerações futuras. E afirmou que a tecnologia não pode ser apontada como a solução para todos os problemas do mundo atual e não pode fazer a sociedade de refém. “A tecnologia tem que ser usada com inteligência e a nosso favor, não o contrário.”